



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUCSP 2012
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE – CURSO DE PSICOLOGIA

ALINE MARY SATO

CÃO – UM AUXILIAR PSICOTERÁPICO

SÃO PAULO

2012



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUCSP 2012
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE – CURSO DE PSICOLOGIA

ALINE MARY SATO

Cão – Um Auxiliar Psicoterápico

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado à Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para graduação no curso de
Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra.
Maria Cecília Corrêa de Faria.

SÃO PAULO

2012

Resumo

Pensando sobre o efeito que os animais, em específico os cães, despertam nas pessoas, resolvi me engajar no estudo da relação Homem-Cão. O presente trabalho, portanto, tem como objetivo investigar a relação subjetiva que se estabelece entre o homem e o cão e como a mesma pode auxiliar a psicoterapia. O material para embasar esta pesquisa foi um estudo bibliográfico: primeiro realizei um levantamento histórico da relação homem e cão, para posteriormente estudar as repercussões afetivas que este vínculo pode suscitar e como ele poderia ser útil dentro de uma psicoterapia clínica. Este estudo tem como fundamentação teórica a psicanálise enquanto método de investigação e técnica terapêutica.

Palavras Chaves: Psicoterapia, Terapia Assistida por Animais, Ferramenta psicoterápica.

AGRADECIMENTOS

Aos maiores responsáveis pela minha formação, meus pais, Maria e Julio. Agradeço pelo carinho e suporte durante toda a minha vida, me ensinando sempre valores humanos, sem os quais não conseguiria trilhar essa jornada.

Meus irmãos, Maurício e Marcelo, por sempre de algum modo cuidarem de mim.

Às minha amigas e colegas, Paula, Aline, Marcela e Fabiane, com quem compartilhei alegrias e frustrações (na nossa querida Pontifícia), companhias sem as quais não seria possível aguentar estes complexos anos.

Minhas amigas de infância, Etienne e Soraya, com quem sempre posso aproveitar os melhores momentos e descobertas que a vida nos traz.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Cecília Corrêa de Faria, pela confiança, suporte técnico e liberdade com que me tratou durante todo o processo de realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Pelos momentos de alegria e descontração, Pamela, Renata, Nicole, Juliana e Luiza.

Este trabalho só foi possível devido ao apoio de todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma e me apoiaram para o desenvolvimento deste trabalho e a árdua jornada de amadurecimento a ele atrelado.

Por fim não poderia deixar de agradecer ao Bolt, que por sempre estar ao meu lado me inspirou a escolha deste tema.

Sumário

1. Introdução	5
2. Algumas Notas sobre a Relação entre o Homem e os Cães	12
2.1. O Histórico - Evolução da relação	12
2.2. A Terapia Facilitada por Animais	20
3. A relação subjetiva.....	24
3.1. O cão e a Psicologia	24
3.2. O cão como co-terapeuta na Psicoterapia Infantil	33
4. Principais Conceitos Psicanalíticos na Psicoterapia Assistida por Animais	38
4.1. Transferência	38
4.2. Objetos transicionais	40
5. Considerações Finais	44
6. Referências Bibliográficas.....	47

1. Introdução

Esta pesquisa parte de um interesse pessoal que sempre tive pelos animais e a sua influência nos sentimentos e “comportamentos” de nós seres humanos. Pensando sobre o efeito que os animais, em específico os cães, despertam nas pessoas, resolvi me engajar na busca de subsídios que pudessem fundamentar essa relação tão controversa para algumas pessoas e tão difundida atualmente que é a relação Homem-Cão. É de comum conhecimento nos dias atuais que na presença de um animal as pessoas tendem a se sentirem mais à vontade. A partir desta constatação e de alguns conhecimentos sobre o comportamento canino e a psicologia humana uma questão me perpassou foi os benefícios que esta relação pode trazer? E como podemos fazer “uso” desta relação na psicoterapia e na clínica?

Para entendermos mais detalhadamente a relação Homem-Cão, primeiro devemos entender historicamente onde a mesma se iniciou e quais as necessidades do homem e do cão da época.

A mais antiga evidencia cultural da presença canina na sociedade humana foi descoberta em um túmulo em Ein Mallaba em Israel. Ali foi encontrado o corpo de uma mulher idosa que foi enterrada com sua mão segurando um filhote de cachorro. Datado de aproximadamente 12.000 anos, este achado nos indica que pelo menos desde esta data, o cão doméstico passou a ocupar diferentes significados e funções para o ser humano. O cão já foi considerado o condutor à terra dos mortos, auxiliou na caça, serviu de guarda de rebanho pastor, de protetor contra invasores e ladrões, guerreiro e animal de companhia, conforme seu porte físico e seu temperamento.¹

Como podemos perceber pela citação acima, a relação com o animal desde há muito tempo esteve presente em nossa sociedade, no entanto, devido a

¹ LANTZMAN, Mauro. O Cão e sua família: Temas de amor e agressividade. 2004. P.8

vários fatores vem se modificando ao longo dos séculos. À princípio como uma relação de caçador e caça até os dias atuais, nos quais cada vez mais aos animais são atribuídos sentidos e sentimentos de afeto, fenômeno que ocorreu de forma mais distinta quando se trata de cães e gatos.

O cão há muito tempo e por diversos fatores ganhou destaque na vida humana. Eram a princípio considerados cães de utilidade, utilizados na caça, cuidavam da propriedade, puxavam carroças, acompanhavam pastores, açougueiros etc. Havia ainda os cães “nobres”, cães da realeza ou cães de caça que eram tratados melhor que humanos; Esse animal de estimação jamais serviria de alimento e viviam em uma estreita companhia com sociedade humana.

O porquê da domesticação é uma grande controvérsia, alguns acreditam que a domesticação se deu devido à necessidade do homem que saia agora da vida no campo e seguia para as cidades de suprir a falta através do contato com a natureza e já outros propõem que foi devido a uma necessidade, como se manter aquecido no inverno

Independentemente dos motivos originários da domesticação do cão, o que sabemos é que se inicia neste momento e de modo mais significativo um sentimento de afeto com o cão. Tal mudança teve efeitos positivos e negativos para ambos os lados, devido o “adentramento” humano no território selvagem os animais foram cada vez mais perdendo espaço nesses territórios e sendo utilizado pelos humanos sem nenhum cuidado e as vezes com extrema crueldade.

Nos dias atuais essas mudanças fizeram com que o cão e o gato ganhassem outro e novo status dentro da sociedade humana, sendo que na contemporaneidade em algumas instancias substituem a relação Humano-Humano por uma relação

Humano-Animal. E assim cada vez mais sentimentos de afeto incondicional são ligados a estes animais.

Já nos situamos um pouco sobre o histórico da relação homem-cão, precisamos pensar na psicoterapia em si, como se dá este fenômeno, para que possamos posteriormente entender como o cão pode e já vêm adentrando no mundo humano como “co-terapeuta”.

Parece ser uma característica deste início de século que nós conseguimos falar de maneira fácil e desembaraçada sobre problemas sexuais de qualquer tipo e quando vamos falar de amor, tropeçamos nas palavras e não conseguimos realmente exprimir o que queremos. Talvez para isso Carl Rogers quando se referia a necessidade do terapeuta amar seu cliente, para que uma terapia possa acontecer, ele usava uma paráfrase: “aceitação positiva incondicional”. Se isto não é amor, não saberia dizer o que é amor... Então o fato é que a relação terapêutica evolui para uma troca de afeto, que na Grécia antiga era chamada de Ágape e que a índole prática dos romanos cunhou como Cháritas. O que era “ágape”? Era o banquete que se realizava na polis por ocasião das primeiras colheitas. Os cidadãos se reuniam no banquete e compartilhavam e degustavam os alimentos numa atmosfera de comunhão, de amor fraternal. Esse tipo de relação afetiva seria uma bela metáfora para o que tentamos fazer com os nossos clientes. Isto nos leva naturalmente a estabelecer um certo cuidado na relação. Eu diria que esta relação de afeto pode chegar a ser vivida em ritmo “allegro ma non troppo”.²

A citação acima nos conduz a uma reflexão sobre a relação psicoterapeuta-cliente na qual se estabelece uma relação de afeto. Esta relação irá suscitar diversas emoções e sentimentos, dentro da análise psicoterápica, tanto do paciente quanto do psicólogo.

Quando falamos de sentimentos e emoções suscitados durante uma psicoterapia, (psicanaliticamente) não podemos deixar de falar no mecanismo

² BOCCALANDRO, Efraim R, *A Nova e a Velha Mitologia*. São Paulo: Vetor, 2000.

chamado de transferência, onde a vida inconsciente do paciente pode ser revivida dentro da psicoterapia, trazendo consigo a possibilidade de uma resolução.

Freud afirma que a transferência é inevitável no tratamento psicanalítico e, ao mesmo tempo em que o fenômeno é um tipo de estratégia para manter o material patológico fora de acesso, é também o caminho da cura quando reconhecido pelo paciente na situação de análise. E prossegue enfatizando que o tratamento não cria, mas sim revela, torna possível à transferência, da mesma forma que outros processos psíquicos também ocultos. A vida emocional do paciente mantida inconsciente é revivida na transferência e é ali que deve ser resolvida.³

A transferência é um processo mental, que é utilizada como ferramenta psicológica, por parte do psicoterapeuta, como o instrumento essencial inconsciente do paciente. A transferência é a atualização da realidade inconsciente do sujeito, na figura do analista. O paciente deslocará afetos/sentimentos já vividos, mas que ainda não estão na dimensão consciente, sobre a figura psicoterapeuta/analista. Isto possibilita ao analista compreender a dimensão psíquica latente no inconsciente do paciente podendo assim auxiliar para que haja uma nova possibilidade de elaboração da vivência pelo paciente.

A partir desta breve introdução da relação transferencial necessária para ocorrer uma psicoterapia, podemos pensar na introdução de um cão nesta relação como auxiliar-catalisador para ocorrência de uma transferência positiva?

Parece que há uma garantia implícita de que ao adquirir um cãozinho o proprietário terá lealdade bem como autenticidade. Talvez ter um animal de estimação funcione como uma forma compensatória para a certeza de lealdade e autenticidade nem sempre encontrada de forma satisfatória nas relações com um outro humano.(...)“Bergler (1988, p.07) diz que os significados atribuídos

³ VALLI, Cristiane Maretti Marangoni. *A transferência em um caso clínico*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Católica de São Paulo. p.23

*aos animais refletem a “(...) percepção que o homem tem de si mesmo, seu lugar no mundo, suas circunstâncias e limitações sociais, culturais e religiosas (...)”. De outra forma, ele diz que “(...) a imagem que o homem tem de um animal é parte da imagem que tem de si mesmo.*⁴

Levando em consideração a citação acima sobre o sentimento de lealdade e autenticidade despertado no humano pelo cão e a forma como a imagem que o homem tem do animal pode refletir a própria imagem que tem de si, podemos pensar na utilização positiva desta relação homem-animal para dentro da Psicoterapia. Talvez a utilização de cães possa favorecer no estabelecimento da relação de afeto, pois assim como podemos interpretar a citação de Delarissa, diferentemente do olhar humano que corre o risco muitas vezes de parecer um olhar julgador (mesmo que não o seja pode ser sentido como tal pelo paciente), o cão pode representar um olhar neutro e de afeto incondicional. Um olhar totalmente isento de julgamento do cão, que socialmente é sentido e vivido assim pelas pessoas, pode facilitar e favorecer a projeção de sentimentos humanos sobre o animal. Seria esse então mais uma possibilidade/modo de se analisar para psicólogo?

“a resposta da criança é quase certa e mesmo mais reveladora quando seu companheiro de brinquedo é um animal de estimação. Isso se deve ao fato de o uso de animais de estimação como co-terapeutas oferecer uma forma quase ideal para se observar a criança em atividade, sem defesas. Para Levinson, os animais de estimação são úteis tanto no psicodiagnóstico como na entrevista (LEVINSON, 1969, p. 52).

(...)

⁴ BEGLER, apud DELARISSA, Fernando. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P.73

A terapia orientada por animais parte do princípio de que para a criança é mais fácil projetar seus sentimentos insuportáveis sobre um animal, além de este ter a faculdade para prover, em certa medida, a necessidade de afago, companhia e aceitação incondicional. E, durante a terapia, o animal ainda possibilita a oportunidade para a criança sentir-se a dona da situação (LEVINSON, 1969, p. 67.).”⁵

Nas citações feitas por Delarissa de Levinson, sobre a utilização de animais de estimação na psicoterapia com crianças, podemos perceber a utilização dos animais de forma a auxiliar na psicoterapia. O que ocorre é que a relação terapeuta-paciente se dá de forma mais “fácil”, ou seja, levando em conta que muitas vezes as crianças são levadas a clínica psicológica por adultos, chegando muitas vezes com receio de toda a situação. A relação primeiro com o cão e depois com o psicoterapeuta torna o estabelecimento de uma relação menos “ameaçador” para a criança. Assim, o animal é aqui utilizado como catalisador da relação terapêutica e também como um instrumento (de certa forma assim como os brinquedos) de se analisar a forma como a criança interage com o mundo, projetando seus sentimentos sobre o animal que, longe de ser sentido/percebido com um olhar julgador é apenas um acolhedor incondicional. É esta relação terapêutica Homem-Animal que pretendo investigar nesta pesquisa.

A partir da discussão feita até aqui muitas reflexões podem ser pensadas e em diversas abordagens, como qual o sentido do cão na sociedade contemporânea e mesmo o porquê da atribuição destes sentidos - quais os caminhos tomados pela sociedade atual que levaram a busca de conforto e afeto (incondicional) no animal

⁵ LEVINSON, apud DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP.

cão. No entanto não pretendo me focar nestas questões, mas nas relações positivas que esta relação Homem-Cão pode trazer para o indivíduo e sociedade.

2. Algumas Notas sobre a Relação entre o Homem e os Cães

2.1. O Histórico - Evolução da relação

Achados arqueológicos de ossos cranianos que se acredita serem de cães datam de 12 a 13 mil anos atrás. Estes ossos possuem poucas diferenças quando comparados com as dos lobos, principalmente em se tratando da raça “Pastores Alemães” que é muito semelhante às dos lobos. Mas acredita-se, por diversas razões como as genéticas, que desde muito anteriormente às datas desses achados arqueológicos a relação entre cães e homens já ocorria.

Fatores genéticos (estudos do DNA mitocondrial) apontam para uma descendência do cão dos lobos cinzentos. Portanto, podemos pensar que a domesticação e os diferentes cruzamentos deram origem diversas raças caninas na atualidade.

Há muitas hipóteses acerca da razão domesticação dos lobos até a evolução, devido à seleção de características, que formou os cães atuais. Uma das hipóteses é que o homem supostamente teria domesticado certos filhotes de lobos com o intuito de ter auxílio na caça de alimento. Outra hipótese é a de que lobos solitários (aqueles expulsos de suas alcateias) teriam se aproximado de acampamentos humanos em busca de restos de alimentos e foram selecionados aqueles que possuíam características mais sociáveis em relação aos humanos. Por este motivo recebiam restos de alimentos aumentando suas chances de sobrevivência.

Foram feitos estudos para determinar o modo como foram surgindo cães que tem singularidades que tornam seu convívio com os humanos tão especial e único, diferentemente do convívio com os lobos. Houve até um experimento, realizado na Hungria com filhotes de lobos, que consistia na criação em casa de filhotes de lobos cinzentos de 5 dias de idade em diante, com o intuito de saber se eles se comportariam como cães ou não. No entanto a partir de 8 semanas de idade começaram se a notar as diferenças entre o comportamento de um filhote de lobo dos filhotes de cães domésticos. Com isso, fica evidente que a simples convivência com os humanos não é fator para que lobos se tornem cães.

Outro experimento foi realizado na Sibéria com raposas desde 1959 que pode levantar hipóteses de como foram selecionadas características dos lobos para termos os cães de hoje. Este experimento consistiu em um programa de reprodução para tentar domesticar raposas. Independente da ética da metodologia deste estudo, foi realizado deste modo, foram capturadas e estudadas algumas raposas. Os pesquisadores perceberam que dentre as raposas apenas 1% não apresentavam sinais de medo ou agressividade com humanos. Essas raposas foram divididas e cruzadas entre si, e depois de apenas três gerações o comportamento agressivo começou a desaparecer, na oitava geração foram observadas mudanças nos comportamentos das raposas, estas buscavam contato e demonstravam afeição pelos humanos. Na 50ª geração se tem raposas mansas e com características físicas diferentes, mudanças no tamanho do rabo, das orelhas e cores fazendo com que estas parecessem mais com cães. Outro grupo também foi selecionado para manter

o comportamento agressivo, deste grupo foram pegos alguns filhotes e dados para mães mansas criarem e isto segundo os pesquisadores não influenciou nos seus comportamentos levando a acreditar de existem genes para agressividade e “mansidão”. Pensando sobre esta questão algumas perguntas me vieram à mente, será mesmo que é uma questão apenas genética ou será que não havia diferenças entre as raposas agressivas criadas por mães agressivas e as raposas agressivas criadas por mães mansas? Será que também o fato de as raposas serem de mães agressivas não criava uma expectativa e um determinado comportamento dos pesquisadores de tratarem estas raposas? Em fim o ponto no qual quero chegar é que a meu ver, a questão do comportamento não é apenas uma questão genética apesar de entender que neste caso foram reforçados os fatores genéticos. Mas podemos tirar desta pesquisa que talvez o surgimento dos cães que como já foi citado mais provavelmente advém dos seus ancestrais lobos cinzentos possa ter ocorrido em diferentes locais do mundo um selecionamento dos lobos cinzento sem o medo e agressão (assim como as raposas 1%) e assim surgido diferentes características físicas que foram sendo selecionadas conforme a apreciação dos humanos.

O aparecimento do cão, independente do conhecimento das razões que envolvem sua origem, temos como dado que as relações do homem com o cão veem sofrendo modificações devido a diferentes fatores ao longo dos séculos.

“Desde a Antiguidade, o cão exerce numerosas funções e participa de atividades tão variadas quanto às de combate, da produção de carne, da tração de trenó nas regiões polares e dos ritos sagrados da mitologia. Mais tarde, o Império Romano torna-se o pioneiro da criação canina e orgulha-se do título de “pátria dos mil cães”, prefigurando a diversidade das

variedades de cães cujas atribuições principais abrangiam a companhia, a guarda de fazendas e rebanhos, e de caça. (...) Na Idade Média, as diferentes variedades de cães são selecionadas de acordo com suas aptidões às diferentes técnicas de caça. Os limiers e os Cães bracos são utilizados para apontar a caça sem latir, os corredores para cansar os cervos e os cães de caça aos pássaros para apontar a caça de penas. Descrevem-se igualmente cães que latem para a perseguição das presas e até bassets para a caça de animais de toca. No entanto, mesmo que seja atualmente impossível identificar com certeza uma raça a partir de um esqueleto, alguns certamente desapareceram”.⁶

Através da citação acima podemos perceber inúmeras diferenças sofridas ao longo da história na relação do homem com o cão. À princípio era uma relação predominantemente baseada no auxílio a caçada de alimentos, participação em rituais, e com o tempo foram se modificando para especificidades de cães mais aptos a determinadas atividades. Como podemos observar na contemporaneidade a grande capacidade de adaptação dos nossos cães a diversos ambientes, me leva refletir que este provavelmente foi um dos motivos pelo qual esta espécie animal está espalhada ao redor do mundo. A história do cão está sempre relacionada à do homem deixando claro que eram levados durante as migrações humanas.

Através das artes (pinturas, esculturas e literatura) podemos observar de forma mais concreta as modificações sofridas durante os séculos no relacionamento entre o Homem e o Cão.

Na antiguidade, por exemplo, no Egito, os cães aparecem como caçadores em pinturas murais ou nos baixos-relevos. *“Alguns cães de caça, enormes molossos muito musculosos de corpo pesado e compacto, foram objeto de notáveis honras como demonstram as estatuetas de argila com sua imagem para imortalizar a sua*

⁶ Enciclopédia do Cão. Royal Canin. Volume 1. P. 21

lembrança”.⁷ Podemos observar que no Egito é ressaltada a grandiosidade dos cães, nos levando a pensar que provavelmente haveria em uma relação de certa mistificação do poder atribuído a eles. Os cães, muitas vezes, eram relacionados a deuses, reverenciados como conhecedores dos segredos do outro mundo. Já na civilização Grega, além de terem os cães de caça e guarda, começaram a aparecer aqueles que serviam de companhia. No entanto, os que eram retratados nas artes são os cães de caça, que costumam aparecer nas pinturas em jarros ao lado de seus donos. No Império Romano o cão pode ser visto em pinturas murais, moedas e mosaicos.

*“Num dos mais célebres mosaicos de Pompéia, um cão, amarrado e latindo, guarda zelosamente a casa do seu amo que, tentando proteger os fundilhos dos visitantes temerários ou distraídos demais, coloca-os em guarda com uma expressiva legenda que aparece destacada no mosaico: “Cuidado com o cão” (Cave canem)”.*⁸

Podemos ver que na civilização romana os cães são grandes e exercem o papel de guarda e caça, e existindo aí também, assim como na civilização egípcia, uma certa exaltação do seu poder. Os cães eram muitas vezes utilizados como entretenimento, combatendo animais selvagens e ferozes nas lutas no Coliseu e também em combate de caças.

“Apuleio descreve uma cena de caça que terminou tragicamente: “tínhamos chegado perto de uma colina envolta em sombras pelas ramagens que impediam a visão e

⁷ Coleção NOSSOS AMIGOS, OS CÃES. O Cão na Antiguidade: Depois da domesticação do lobo, a história do cão começa com a das civilizações humanas. Disponível em: <http://www.dogtimes.com.br/antiguidade.htm>

⁸ Idem ⁷

ocultavam os veados aos olhos dos caçadores. Então, soltamos os cães, caçadores de boa raça, para que surpreendessem a caça no fundo dos esconderijos. Graças às lições de um sábio em adestramento, dividiram-se e rodearam todas as saídas. No começo, limitavam-se a lançar grunhidos surdos: depois, a um sinal, o vibrante clamor dos seus latidos discordantes retumbou bruscamente por todo o lugar. Mas o que apareceu não foi um veado nem um gamo, mas um enorme javali [...] Do seu pêlo ensanguentado, sobressaíam pedaços de carne, tinha a pele eriçada de pêlo áspero, sobre o seu espinhaço levantavam-se cristas de pêlos duros, aguçava ruidosamente as defesas cobertas de espuma e seus olhos ameaçadores tinham um olhar faiscante e os furiosos ataques de seu focinho trepidante faziam com que todo seu corpo parecesse um raio. Para começar, estripou e matou os cães mais audazes que se tinham lançado em cima dele para mordê-lo aqui e ali".⁹

Na Idade Média as pinturas mostram reis e cavaleiros caçando com seus cães ao lado. Percebe-se, que nesta época, a relação do homem com o cão começa a se estreitar ainda mais, e ao mesmo tempo também há uma tentativa de distanciar por parte das autoridades da época. Nesta época devido a doenças como a peste negra na Europa, houve um grande sacrifício de cães, pois estes comiam os cadáveres dos mortos e a [Igreja Católica](#) começou a relacioná-los à morte e considerá-los [criaturas das trevas](#) (relacionando-os com bruxas e lobisomens). No entanto, como havia também os cães que eram criados e treinados com o intuito de acompanharem os nobres na caça, e por este motivo os cavaleiros passavam grande parte do tempo com os cães treinando-os, esta relação continuou a se estreitar podendo-se ver mais claramente um forte laço afetivo.

⁹ Coleção NOSSOS AMIGOS, OS CÃES. *O Cão na Antiguidade: Depois da domesticação do lobo, a história do cão começa com a das civilizações humanas.* Disponível em: <http://www.dogtimes.com.br/antiguidade.htm>

Seguindo a evolução que vinha sofrendo a relação do cão e do homem no final da Idade Média, no Renascimento podemos ver que o cão vai, cada vez mais, adentrando no ambiente doméstico. Ao longo do Renascimento, os cães muitas vezes aparecem nas artes como temas de fundo incidental, parte de uma cena de caça, composição, religioso mitológico, ou alegórico, ou ao lado de seus donos nos retratos. O cão de estimação e o cão de caça acompanhando a situação histórica-social, a vida na corte e a exaltação do estético, transformam-se em posses que simbolizaram o status da família. Assim há neste momento um desenvolvimento na classificação de raças e tipos de cães, observando-se modificações estruturais e intelectuais nas diversas raças que vão sendo selecionadas.

Apesar de até então o cão ter tido diversos papéis na vida dos homens de cada era, somente a partir do século XX que o cão tornou-se de fato um animal de estimação, ou seja, adaptado aos modos de vida dos seres humanos. Diz-se que esta mútua relação entre os dois deve-se à compreensão e à evolução cerebral canina procurar entender o que querem as pessoas.

A partir deste momento os cães passam a serem representados em histórias infantis, em filmes como Beethoven, Lassie, K9, 101 Dálmatas, etc. Um desenho infantil chamado “Bob pai e bob filho”, de algum modo representa as relações que os pais mantêm com seus filhos, facilitando a compreensão das relações parentais para os filhos. Neste desenho Bob filho é um cãozinho muito educado que admira muito seu pai, sempre utilizando frases como “meu digníssimo pai” ou “o melhor pai do mundo”. Mas como todas as relações, pai e

filho enfrentam conflitos devido à diferença de gerações, que sempre acabam com um final feliz no qual Bob pai tenta ensinar lições de vida.

Tais enredos mostram a realidade, aonde cada vez mais o cão vem ganhando espaço dentro da nossa vida cotidiana, e assim cada vez mais sendo utilizados para atividades no auxílio a tarefas humanas, próprias de seu contexto histórico. Hoje em dia a necessidade humana não está relacionada à caça (a não ser como hobby), mas no auxílio em funções como de salvamento (busca e resgate), guia para pessoas com deficiências visuais ou auditivas, policial, farejador de drogas, identificador de doenças, até mesmo colaborador nas descobertas sobre genes que carregam mutações para certas doenças, terapeutas caninos (principalmente com crianças e idosos em hospitais e asilos), entre outras funções.

Através da pintura, da escultura, das artes, encontram-se indícios da importância que o homem tem atribuído aos animais, aos cães em particular. Vemos que o cão há muito tempo e por diversos fatores ganhou destaque na vida humana: eram a princípio considerados apenas como cães de utilidade, de caça, de guarda (cuidavam da propriedade), puxavam carroças, acompanhavam pastores e açougueiros, até os dias atuais ganhando novas funções, cada vez mais ligados a sentimentos de afeição.

Diversos fatores podem ter contribuído para a domesticação do cão, mas o que temos de concreto é que se inicia neste momento da história, de modo mais significativo uma atribuição de sentimentos de afetos para com o cão. Nos dias atuais essas mudanças fizeram com que o cão ganhe outro e

novo status dentro da sociedade humana, sendo que na contemporaneidade, em algumas instancias, substituindo a relação Humano-Humano por uma relação Humano-Animal.

O homem observa o animal, muitas vezes projetando sua própria psique e sentimentos, como resultado vemos inúmeras fábulas e hoje em dia nos desenhos, em que os animais são humanizados. E assim cada vez mais sentimentos de afeto incondicional são ligados a estes animais.

“Notemos como as novas necessidades sociais acabam por criar outros motivos para a aquisição de um animal de estimação.

Por outro lado, em relação ao homem neolítico, questionamos se a estrutura de seu aparelho psíquico lhe exigia e/ou permitia outra qualidade de vínculo com os animais em vias de domesticação senão para suprir as necessidades de sobrevivência, servir-lhes na prestação de serviços, desempenhar uma função totêmica. Se há outro(s) motivo(s) que se arrasta(m) desde aqueles tempos em nosso inconsciente, talvez seja isso que explique a necessidade de se buscar um vínculo com um animal doméstico e que ainda não foi possível uma forma talvez mais “humanizada” (na falta de outro termo) para resolver a questão, fazendo com que o ser humano se aproxime cada vez mais desses seres. E essa aproximação se intensifica à medida que a civilização se torna mais angustiada.”¹⁰

Não é, portanto, de admirar que na segunda metade do século XX tenha havido uma intensificação do uso da terapia facilitada por animais.

2.2. A Terapia Facilitada por Animais

¹⁰ DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P.72

Na “Terapia Facilitada por Animais” são selecionados animais com temperamento mais dócil e depois treinados. Após passarem por testes, que avaliam se o animal está apto para participar do programa, grupos de voluntários junto aos animais visitam instituições como hospitais, asilos, hospitais psiquiátricos, escolas (principalmente as escolas para crianças com algum tipo de deficiência sensorial, neurológica, intelectual ou mesmo quadros de transtornos psiquiátricos). Nos países mais desenvolvidos nos quais os direitos humanos são mais respeitados é procurado trazer qualidade de vida para os detentos prisionais através da terapia facilitada por animais.

Atualmente o Conselho Federal de Medicina reconhece a terapia facilitada por animais como uma modalidade terapêutica.

O animal mais utilizado para essa modalidade de terapia é o cão. Tal modalidade teve início na Inglaterra em 1792, em uma Instituição psiquiátrica.

“os pacientes participavam de um programa alternativo de comportamento que consistia na permissão de cuidar de animais de fazenda como reforço positivo. Em 1867 a mesma técnica foi usada com pacientes psiquiátricos numa Instituição na Alemanha. Mais tarde, em 1942, terapeutas começam a perceber os benefícios de TFC em pacientes com desordens mentais e físicas, mas somente na década de 60, que foi publicado nos Estados Unidos pelos Dr(es). Boris Levinson & Sam & Elisabeth Corson as primeiras observações científicas dos benefícios da TFC em pacientes com quadros clínicos psiquiátricos. A partir dos anos 80 relevantes pesquisas científicas emergem provando o benefício à saúde humana a partir da interação com animais , espalhando-se rapidamente no Reino Unido, Estados Unidos e na Europa Continental (REICHERT, 1998; KAUFMANN,1997; TRIVEDI & PERL, 1995 ; MALLON, 1992 ; GEORGE, 1988 ; SLOVENKO 1984 ; JOHNSON, 1983.”¹¹

¹¹Terapia Facilitada por cães-Histórico. Disponível em:
http://www.svcpa.org/tfc/02_historico.htm

Vemos assim que o emprego terapêutico dos animais em muitas formas de patologias psiquiátricas humanas remonta a 1700. Observamos que há muito tempo a terapia assistida por animais já vem sendo utilizada, no entanto, somente há poucos anos vem se firmando a partir de estudos feitos sobre o benefício que esta relação pode trazer o que levou a sua utilização em outros ambientes que não somente hospitais psiquiátricos como em sua origem.

No Brasil, uma pioneira na terapia facilitada por animais foi a Psiquiatra e Psicóloga, Dra. Nise da Silveira. Na pesquisa que realizou das relações emocionais entre pacientes e animais, ela os chamava de co-terapeutas. Em meados dos anos 50, Dra Nise da Silveira levantou a possibilidade de se permitir cães em um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro. Percebeu esta possibilidade de tratamento ao observar como um paciente melhorou ao cuidar de uma cadela vira-lata que por acaso entrara no hospital. A partir daí Nise da Silveira delegou a ele o cuidado da cadela. A [responsabilidade](#) de cuidar deste animal, fez com que este vínculo se tornasse um ponto de referência afetiva estável na vida do paciente. Ela descreve a experiência da seguinte maneira:

“A experiência começa a tomar corpo quando uma cadela de rua aparece no hospital. O cachorro não seria adotado pela instituição se Dra. Nise não perguntasse a um dos pacientes: “Você aceita tomar conta dessa cadelinha, com muito cuidado? Ele respondeu que sim”. Assim, a cadela é prontamente adotada por um paciente, até então, apático. A médica percebe, na verdade apenas comprova o que ela já suspeitava, que os animais podem ser potentes agentes curativos para pessoas em sofrimento (SILVEIRA, 2001).”¹²

¹² FLÔRES, Lenise. Os benefícios da interação Homem-Animal e o papel do médico veterinário. Porto Alegre – RS, 2009. P. 12

Apesar de Nise da Silveira ter sido pioneira em utilizar cães e gatos como co-terapeutas no tratamento de doenças psiquiátricas como a esquizofrenia, nos anos 50 e 60, somente nos anos 80 é que esta modalidade voltou a ser utilizada de forma mais expressiva aqui no Brasil e a partir dos anos 90 são implantados os primeiros Centros de Atendimento de Terapia Assistida por animais. Em setembro de 2000 aconteceu no Rio de Janeiro a 9ª Conferência Internacional sobre Interações Homem-Animal, despertando diferentes profissionais da saúde para atuação e pesquisas científicas na Terapia Assistida por Animais. Há diversas organizações no mundo todo trabalhando com estudos sobre o TAA, como por exemplo, nos EUA a organização chamada Delta Society. No Brasil, segundo o presidente da Associação Internacional das Organizações Homem-Animal, Dr. Dennis C. Tunner, 30% dos Psiquiatras e Psicoterapeutas se envolvem animais nas suas praticas clinicas.

A prática da Terapia Assistida por Animais (TAA), apesar de ainda sofrer certo preconceito, tem se tornado cada vez mais conhecida e aceita pela população em geral e principalmente por profissionais da área da saúde. A importância da relação homem-animal e o bem-estar extraído desta convivência, geralmente familiar, se estendeu hoje para práticas terapêuticas. É do conhecimento geral que este tipo de terapia traz inúmeros benefícios tanto a nível físico, como psicológico e educacional. Devemos ressaltar que a TAA é um instrumento utilizado por equipes de atendimento multidisciplinar, formada por profissionais da área da saúde humana, animal e educação.

3. A relação subjetiva

3.1. O cão e a Psicologia

George Sylvester Viereck ao entrevistar Freud pondera

“...se nós não seríamos mais felizes se conhecêssemos menos o processo que forma os nossos pensamentos e emoções. A psicanálise tira o encantamento da vida, quando segue a pista de cada um dos sentimentos até os seus complexos básicos. Não ficamos mais felizes ao descobrir nosso lado selvagem, criminoso e animal.” mecanismo intelectual e psíquico. O selvagem, assim como o animal, é cruel, mas ele não tem a maldade do homem civilizado. A maldade é a vingança do homem contra a sociedade pelas restrições impostas a ele. É essa vingança que dá vida ao reformista profissional e às pessoas intrometidas. O selvagem pode cortar a sua cabeça, comê-lo, torturá-lo. mas ele vai poupá-lo das pequenas provocações que, às vezes, tornam a vida em uma comunidade civilizada quase intolerável. Os hábitos e as idiossincrasias mais desagradáveis do homem, como a trapaça, a covardia e a falta de respeito, são produzidos pela sua adaptação incompleta a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre os nossos instintos e a nossa cultura. As emoções intensas, diretas e simples de um cachorro, ao abanar o rabo ou latir quando é contrariado, são muito mais agradáveis! As emoções de um cachorro - acrescentou Freud pensativo - me fazem lembrar um dos heróis da antiguidade. Talvez seja por isso que nós inconscientemente damos aos cães nomes de heróis da antiguidade como Aquiles ou Heitor.”

Freud rapidamente pergunta “O que o senhor tem contra os animais? A comunidade animal é infinitamente melhor do que a humana”

G:- Por quê?

F: “Porque os animais são muito mais simples. Eles não sofrem de personalidade dividida ou desintegração do ego, problemas que surgem da tentativa do homem de se adaptar a padrões de civilização que são sofisticados demais para o seu mecanismo intelectual e psíquico. O selvagem, assim como o animal, é cruel, mas ele não tem a maldade do homem civilizado. A maldade é a vingança do homem contra a sociedade pelas restrições impostas a ele. É essa vingança que dá vida ao reformista profissional e às pessoas intrometidas. O selvagem pode cortar a sua cabeça, comê-lo, torturá-lo. mas ele vai

poupá-lo das pequenas provocações que, às vezes, tornam a vida em uma comunidade civilizada quase intolerável. Os hábitos e as idiossincrasias mais desagradáveis do homem, como a trapaça, a covardia e a falta de respeito, são produzidos pela sua adaptação incompleta a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre os nossos instintos e a nossa cultura. As emoções intensas, diretas e simples de um cachorro, ao abanar o rabo ou latir quando é contrariado, são muito mais agradáveis! As emoções de um cachorro - acrescentou Freud pensativo - me fazem lembrar um dos heróis da antiguidade. Talvez seja por isso que nós inconscientemente damos aos cães nomes de heróis da antiguidade como Aquiles ou Heitor.”¹³

Nestas colocações de Freud, fica clara a importância que ele dá aos cães e deixa pistas dos motivos inconscientes ao darmos nomes de heróis a eles. Essa atribuição de sentidos como heróis pode ser percebida, como já disse Freud, não só pelos nomes que lhes são atribuídos, mas também no discurso dos donos dizendo que seus cães de estimação são praticamente perfeitos (belos, atenciosos, gentis, preciosos, etc). Nomes carregam em si significados, sentimentos e desejos para aquele ser a quem os atribuímos. Logo, fica perceptível as motivações inconscientes ao se dar nomes poderosos (como Thor, Apolo, Zeus ou Hulk) ou mesmo nomes preciosos (como Safira ou Pérola). Observações como estas nos revelam um pouco dos sentimentos e sentidos que nós humanos atribuímos aos cães.

Pode parecer a princípio que estou fugindo da proposta inicial de me aprofundar na psicoterapia assistida por cães, no entanto, para que possamos melhor entender esta relação que se dá entre cães co-terapeutas e os

¹³ Grandes entrevistas históricas – Sigmund Freud. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/SigmundFreud.htm>

pacientes, precisamos entender como este relacionamento subjetivo se dá no seio da sociedade em geral. O relacionamento perpassa por esferas consciente e inconsciente, onde são atribuídos sentimentos e sentidos à relação homem-cão.

Uma pesquisa realizada por Hannelore Fuchs, citada por Delarissa fala sobre as razões pelas quais há necessidade de se vincular com um animal.

“O vínculo afetivo entre um cão, por exemplo, e seu dono suscita indagações sobre a razão da necessidade de se vincular a um animal.

Em relação aos animais de estimação, conhecer as razões para se decidir por adquirir um (“unir-se”) nos dias atuais exige que se faça uma pesquisa com sujeitos que compõem nossa sociedade. Hannelore Fuchs (1988) o fez através de uma pesquisa, componente de sua tese de doutoramento. Dentre elas, citamos:

- O adulto providencia ou mantém o animal porque acha que a criança terá afeto, companhia, distração;*
- O adulto providencia animal para ter como desafogar afeto;*
- Necessidade de carinho de cachorro;*
- Para propiciar companhia;*
- Necessitar da compreensão pelo animal, porque há dificuldade de relacionamento com ser humano;*
- Para agradar a criança;*
- Efeito terapêutico junto a deficiente;*
- Evitar sofrimento próprio;*
- Fuga de uma realidade desagradável;*
- Satisfazer desejo que perdura desde infância (de ter um animal);*
- Proteção e segurança em sítio;*
- Precisar reassegurar-se para ser mais forte no relacionamento social;*
- Ter coisa viva, vida, em casa;*
- Promover status – demonstração de ostentação, tendo um enorme cachorro;*
- Querer observar o animal de pesquisas em casa;*
- Usar animal como instrumento pedagógico.”¹⁴*

¹⁴ DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P.71

Podemos notar que os motivos citados, principalmente a “*fuga de uma realidade desagradável*” ou “*desafogar afetos*”, estão intimamente ligados às necessidades sociais e a angústia permanente que sustenta de algum modo o ser humano que é por definição faltante. Na sociedade contemporânea onde tempo e trabalho são os mais importantes, se torna cada vez mais difícil se encontrar tempo e sustento emocional para conversas e relacionamentos mais profundos. Venho percebendo a dificuldade que é para as pessoas lidarem com o sentimento de desamparo, já que o ser humano é o único animal que sabe que vai morrer. Daí a busca incessante de uma “felicidade constante”.

Observa-se muito comumente que as pessoas entram em conflito com a imagem que tem de si, quando comparadas aos moldes que são preferencialmente aceitáveis socialmente, gerando angústia e frustração. Nunca como hoje os modelos de cor, altura ou modo de vestir, acessórios eletrônicos, carros, viagens foram tão altos, gerando uma permanente insatisfação (resultado é o grande número de cirurgias plásticas). O atual momento histórico/social faz com que o ser humano busque de forma inconsciente um local onde os seus sentimentos possam ser acolhidos, havendo uma busca constante por afeto e segurança. O cão oferece um estado de apaziguamento para estas angústias com seu amor incondicional. Em meio a essas frustrações e angústias, as pessoas acabam por encontrar nos animais de estimação um local onde podem deixar a perfeição e o heroísmo a serem alcançados projetados e acolhidos em seus cães.

Relembrando Freud, certos aspectos selvagens são muitas vezes reprimidos em pró da convivência em sociedade. O desamparo é gerado pelo sentimento de falta (inerente do ser humano) e exacerbado pela nossa sociedade (capitalista) e com a falta de contato com nosso lado mais primitivo. Como já havia dito, este contexto social contemporâneo favoreceu também o ter mais motivos para se adquirir animais de estimação, pois então o sofrimento e a falta podem de certo modo a ser acolhidos e preenchidos pelo cão. Nossa cultura ocidental valoriza os cães, tanto quanto por funções de trabalho quanto pelo mero fato de serem belos. E ultimamente nas famílias menos numerosas, onde há apenas um ou dois filhos, os animais podem cumprir o papel de canalizadores dos afetos.

Muitos estudos estão sendo realizados (no mundo todo) para validar cientificamente os benefícios obtidos por ser ter um animal de estimação. Há um programa nos EUA, onde presidiárias adotam cães com problemas comportamentais e os ajudam/adestram para que possam encontrar novos lares.

Como estamos vendo os animais de estimação, em especial o cão, está cada vez mais presente em nossa cultura e nosso cotidiano, e não há surpresa, também nas atividades terapêuticas. A psicologia vem também se aproximando e utilizando técnicas psicoterapêuticas que incluem a utilização de animais, principalmente em hospitais.

. Como já havia citado no capítulo anterior a utilização de cães por psicólogos teve início em hospitais psiquiátricos, no exterior e no Brasil nos

anos 50. No entanto, a documentação do uso de animais em terapias torna-se expressiva somente com a publicação das experiências positivas com a terapia assistida por animais, realizada pelo Dr. Boris Levinson, em meados dos anos 60, na qual é descrito o uso de animais na prática da psicologia clínica. *“Boris M. Levinson (1969), acreditando numa real interação homem animal, a partir da década de 60 começa a publicar seus trabalhos; dentre eles, vários artigos pelas revistas Mental Higiene, Psychological Reports, etc; na década de 70 os livros Petowned child psychotherapy, Pets and human development, Pet-oriented child psychotherapy. Um de seus editores, Charles C. Thomas, observa que Levinson foi o primeiro psicólogo clínico a utilizar animais de companhia como co-terapeutas.”*¹⁵

Ao colocarmos um cão como co-terapeuta na psicoterapia favorecemos que mais facilmente o paciente possa se mostrar tal como é. O cão, de forma mais natural e simples, com a sua disponibilidade em receber afeto e buscando contato corporal, realiza o que nós psicoterapeutas buscamos fazer durante todo nosso atendimento - que o paciente adquira confiança para se expressar livremente. Como já vimos neste breve levantamento dos sentidos que temos atribuído aos cães ao longo do tempo, sensações de segurança e acolhimento são transmitidas pelos cães e elas possibilitam que mais facilmente possa fluir a psicoterapia.

“Corson et al. empregaram a psicoterapia facilitada por animais domésticos essencialmente com pacientes que não tinham conseguido responder a todas as outras formas de terapia. Tais pacientes eram extremamente introvertidos, demasiadamente relutantes em estabelecer qualquer contato com outras pessoas; e em alguns casos eram quase mudos. Dos 50 pacientes submetidos a esse tratamento, somente 03 não conseguiram mostrar qualquer melhora – e nesses casos

¹⁵ DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P. 47

nenhuma melhora foi possível pelo motivo de eles recusarem aceitar o animal (em BERGLER, 1988, p. 41). Os outros 47 gradativamente(...) desenvolveram sentimentos de amor próprio, um desejo de independência e um sentimento de responsabilidade, e esses sentimentos foram fortalecidos na proporção direta ao grau de cuidado e responsabilidades assumidas pelo paciente quanto ao cuidado pelo seu cão (CORSON et al, em BERGLER, 1988, p. 41.).”¹⁶

No experimento citado por Delarissa, fica evidente, por tanto, numa experiência, que é relativamente numerosa (quanto ao número de sujeitos envolvidos), que a grande maioria deles obteve, ainda que em estado de internação, melhora significativa. Observamos neste experimento, que os pacientes a partir do contato com o cão desenvolveram sentimentos de amor próprio, desejo de independência e um sentimento de responsabilidade. Podemos fazer uma leitura, de que a confiança que o cão deposita nos pacientes, faz com que estes tenham o desejo de querer retribuir, colocando sua confiança no animal e se sentindo responsável por este. .

Podemos observar melhor esse sentimento de confiança que faz com que aumente seu amor próprio, ou seja, reassegure maior confiança em si mesmo em um caso clínico realizado por Corson e exposto na monografia de Delarissa - ***Estudo de caso: Sonny***

“ Sonny tinha 19 anos de idade; sofria de psicose depressiva e passava o tempo todo na cama. A equipe tentou despertar-lhe a curiosidade. Ele se recusava a participar da terapia ocupacional, nem participava da terapia de relaxamento ou das sessões de terapia de grupo. Na terapia individual ele se mantinha retraído e não mostrava nenhuma disposição para se comunicar com os outros, enquanto a terapia comportamental também era insuficiente para produzir qualquer resultado

¹⁶ CORSON e BEGLER, apud DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P.85

positivo. Foram feitas as preparações para um série de eletrochoques. Mas foi decidido que antes disso tentar-se-ia o uso de um cão no papel de co-terapeuta.

O paciente se punha na cama como era comum em sua pose costumeira, rígida, lembrando uma múmia. O psiquiatra sentou-se ao seu lado e conversou com ele. Se as perguntas do psiquiatra eram feitas sobre outras pessoas ou mesmo sobre Sonny, suas reações eram invariavelmente muito lentas. Mas logo que as questões mudaram para o assunto de cães (“Você gosta de cachorros?”) ou animais em geral, ele respondeu muito mais rapidamente. Além disso, as respostas de Sonny eram invariavelmente muito breves, geralmente nada mais do que “sim”, “não” ou “eu não sei”. Ele não estava preparado para explicar ou elaborar ou questionar. Mas quando o psiquiatra colocou um fox terrier de pêlo duro ao lado de Sonny, ele se levantou de uma forma inteiramente espontânea e teve um notório encanto pelo comportamento amigável do cachorro. Imediatamente ele se tornou atraído pelo cão, acariciando-o e falando com ele. Logo o paciente perguntou “Em que situação eu posso ficar como o cachorro aqui?”. No mesmo instante em que disse isso, o cachorro saiu correndo pelo saguão. Prontamente Sonny saiu correndo atrás do animal – o que era uma total mudança em relação ao seu padrão de comportamento anterior. Seu comportamento em relação a outras pessoas também mudou daí em diante. Sonny finalmente começou a prestar atenção nos outros pacientes, e então começou a freqüentar as sessões de terapia de grupo. Quando teve alta da clínica, sua condição era muito melhor. De acordo com o médico que tratou dele, o cão foi o principal fator de contribuição em seu restabelecimento.”¹⁷

Ao se incluirmos um cão no atendimento psicoterápico é necessário, assim como no uso de qualquer nova ferramenta psicológica, que haja certa modificação no setting. O espaço do consultório deve ser maior, para que possa acolher de forma confortável os movimentos e interações com o cão. O terapeuta deve ser altamente flexível e atento a pormenores entre paciente e cão; Deve levar em conta o animal como facilitador do “discurso” não verbal, o

¹⁷ DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P. 86

psicoterapeuta deve estar ciente das destas manifestações para ser capaz de verbalizá-las. O cão de modo geral, deve ser bem treinado e socializado com o humano, um cão que tenha o humano como amigo.

Na nossa realidade histórica-social, vem se tornando cada vez mais difícil encontrar no outro (humano) um compartilhar de sustentação emocional. Ao nos relacionarmos com o outro encontramos o mesmo vazio, angustiante, que buscamos preencher diariamente. O cão traz em si uma natureza mais simples, e ao olharmos para ele não vemos uma ética, um olhar julgador ou mesmo um vazio existencial. Talvez seja o motivo inconsciente pelo qual durante todo o desenvolvimento da humanidade este sempre esteve presente de algum modo. Ao o incluirmos na psicoterapia, estamos incluindo todo o repertório “histórico” da relação do homem com o cão. A psicoterapia oferece a possibilidade de que o paciente possa encontrar mais facilmente o lugar que pode acolher suas angústias. A psicoterapia assistida por cães pode auxiliar para que o paciente tenha nesse local sentimento de segurança, vinculados à figura do cão. Como vimos nos experimentos antes citados, a situação de conviver e cuidar de um cão, pode favorecer que durante o processo psicoterápico o paciente desenvolva também sentimentos de amor próprio, desejo de independência e responsabilidade.

“O fato de alguns humanos relacionarem-se melhor com animais do que com humanos estaria em não suportarem conteúdos seus inconscientemente atribuídos ao estranho – projeção – e em de fato o animal ser um ente diverso do seu semelhante – uma esperança para que o eu não se confunda com o repugnante contido no estranho, ou nele mesmo. Não olhamos um animal e esperamos nele encontrar princípios

éticos. Contudo, olhamos nosso “semelhante” sabendo que nele pode haver esse vazio.”¹⁸

Como é perceptível até o presente momento, ao inserir um cão no setting, temos para com o paciente um cenário de maior de descontração que permite e facilita identificar-se, projetar e experimentar a empatia, e estender uma situação positiva para o psicoterapeuta.

Os adultos atribuem muitas vezes características humanas aos animais, já as crianças fazem exatamente o inverso – atribuem aos humanos qualidades animais. Assim, percebemos que muitas vezes é mais fácil para as crianças se identificarem com os animais do que com os humanos. Talvez, por este motivo que hoje em dia é freqüente utilizar-se do animais como co-terapeutas de casos graves na psicoterapia infantil. Na grande maioria os pacientes (crianças) com traços autistas, segundo voz corrente, reagem melhor com uma psicoterapia com animais, mas isto não significa que sejam todas. Tais constatações nos levam ao próximo subtítulo, no qual trataremos mais sobre essa relação entre as crianças e os animais na Clínica Psicológica.

3.2. O cão como co-terapeuta na Psicoterapia Infantil

O americano, Boris Levinson foi o primeiro psicoterapeuta infantil a publicar artigos sobre os efeitos benéficos do uso de cão como co-terapeutas na psicoterapia infantil. Levinson realizou, através de questionários, uma pesquisa com psicoterapeutas infantis. Constatou que a grande maioria desses

¹⁸ DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P.64

psicoterapeutas infantis tinha feito uso de animais em psicoterapia, e as respostas mostraram também a obtenção de efeitos benéficos na maioria dos casos. Este capítulo terá como enfoque trazer possíveis esclarecimentos sobre os efeitos benéficos do uso de cães com crianças.

Na clínica infantil a criança, ainda que trazida pelos pais, conseguiu ela pela suas condições emocionais mobilizá-los a procurarem ajuda. Porém, convém enfatizar que são os pais que as trazem e que, portanto, também apresentam, enquanto pais, uma demanda. De modo geral o grande temor da criança frente ao seu psicoterapeuta é que este traia a sua confiança. Logo o psicoterapeuta se encontra em uma situação que levantar suspeitas na criança e pode reativar uma ansiedade persecutória, e por este motivo a psicoterapia infantil pode se mostrar, num primeiro momento e em alguns outros momentos, como ameaçadora.

O método até então utilizado com adultos (associação livre) se mostrou impraticável e foi necessário uma modificação para adaptar-se ao modo de ser da criança, com a comunicação a partir do brincar. O brincar permite a criança interagir e mostrar sua realidade interna de forma menos ameaçadora. As sessões lúdicas são à base do atendimento com crianças e veem mostrando êxito, no entanto, a meu ver, depende também da intensidade com que a criança mostra interesse e se torna envolvida com o brinquedo ou com a atividade. Talvez em casos como estes o comportamento da criança possa ser outro se seu companheiro de brinquedo é um cão.

Como vimos à situação psicoterápica pode se tornar ameaçadora para a criança, e dificultar o atendimento, e ao se inserir um cão no setting pode-se

criar uma possibilidade de se trabalhar mais facilmente uma possível transferência negativa. A transferência negativa inicial, é uma defesa de resistência que pode impossibilitar a psicoterapia, há uma interrupção da associação livre – o brincar. Na psicoterapia de crianças é necessária uma vinculação positiva mais intensa que em relação à de adultos, assim, faz-se necessário trabalhar os indícios de transferência negativa sempre que se fizerem presentes. A figura do cão traz consigo sentimentos de segurança e amor incondicional, tornando-se mais fácil para as crianças se identificarem com os animais do que até mesmo com os humanos, e assim favorecendo uma transferência positiva com relação à situação de psicoterapia.

Em um trabalho sobre “AS CONTRIBUIÇÕES DA TAA À PSICOLOGIA”, o autor utiliza um caso bastante conhecido atendido por Boris Levinson:

“Enquanto eu recebia a mãe, Jingles correu em direção à criança e começou a lambê-lo. Para minha surpresa, o menino não se assustou senão que abraçou o cachorro e começou a acariciá-lo. (...) Durante várias sessões brincou com Jingles, aparentemente alheio à minha presença. De qualquer maneira, mantivemos muitas conversações durante as quais estava tão absorto com o cachorro que parecia ainda não conseguir dar respostas coerentes. Finalmente parte do afeto que sentia pelo cachorro recaiu sobre mim e fui conscientemente incluído nos jogos. Lentamente atingimos uma forte compenetração que possibilitou meu trabalho para resolver os problemas da criança.”¹⁹

O cão pela sua natureza simples, demonstrando através do contato o prazer em estar junto da criança, estaria atraindo a atenção e tornando mais fácil a identificação com este animal. Observamos muitas vezes a identificação

¹⁹ MANOCCI (2005, p. 8-9), apud CAETANO, E. AS CONTRIBUIÇÕES DA TAA – TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS À PSICOLOGIA. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. P. 20

das crianças com os animais, quando atribuem aos seres humanos características animais. A relação psicoterápica pode iniciar-se, por tanto, como vimos neste caso, pelo estabelecimento de um vínculo com o cão, já que este por ser visto como menos ameaçador, pode tornar viável o estabelecimento de uma psicoterapia orientada pela realidade (não por fantasias persecutórias), que pareça à criança confortável e não ameaçadora.

“Por meio de uma constante associação com um animal doméstico, a criança pode perceber como seu comportamento afeta o animal, e vice-versa. Uma espécie de processo de aprendizagem subliminar ocorre no momento em que a criança passa a compreender o que isso significa, considerando que seres vivos somente podem co-existir num estado de dependência mútua (LEVINSON, em BERGLER, 1988, p. 54). Em outras palavras, para Levinson, a relação criança-animal ajuda a desenvolver o princípio eriksoniano de mutualidade. Tanto a criança como o animal aprendem que são mutuamente dependentes. Dessa dependência origina-se a força para conquistar, doar, e dividir. Acrescenta-se que a criança aprende a reconhecer seu “self animal”, a causa de seus medos inconscientes.”²⁰

A partir desse processo de identificação, a criança pode aprender a amar e a compartilhar das intenções e sentimentos do cão, e para isto, há um esforço em observar o animal e se colocar em seu lugar. Esta situação favorece na evolução psíquica da criança, pois ela pode aprender a lidar com a presença e sentimentos do outro. Também, a partir da identificação a criança projetar seus sentimentos de medo, raiva ou mesmo alegria no cão, dando possibilidade para que durante o processo de análise aos poucos possa internalizar, como seus estes sentimentos. O psicoterapeuta pode aproveitar

²⁰ DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P. 136

estas situações de projeção, se referindo ao animal, para entrar em contato com os sentimentos da criança e interpretá-los para a criança.

Ao observar o tipo de atividades que a criança escolhe para envolver-se com o cão, temos algumas pistas em relação à função do brincar (passivo ou agressivo) e a organização psíquica da criança. Então, o psicoterapeuta terá o papel de ajudar a criança a tornar consciente seus mecanismos de defesa transferenciais e projetivos que estão direcionados a ele e/ou ao cão, para que ela possa entrar em contato com suas emoções e ansiedades até então “desconhecidos” ou mesmo negados. Para isto, o analista deve interpretar para a criança seus sentimentos de forma clara e sucinta, deve traduzir de forma mais simples possível o que a criança está mostrando na sua relação com o cão.

Devo lembrar que não podemos generalizar que todas as pessoas terão essa identificação e transferência positiva com um cão, esta relação depende também dos sentidos e significados, que são atribuídos aos cães naquela família, comunidade e sociedade. Em nossa cultura ocidental, como já vimos, permite e associa o cão como uma figura que transmite segurança e amor incondicional.

4. Principais Conceitos Psicanalíticos na Psicoterapia Assistida por Animais

4.1. Transferência

O conceito de transferência é o pilar do trabalho psicanalítico. “essa transferência foi precisamente estabelecida não apenas pelas ideias antecipadas conscientes, mas também por aquelas que foram retidas ou que são inconscientes. (Freud, 1912: 112)”²¹ Em um primeiro momento Freud define a transferência como um obstáculo, como uma resistência, contra a análise. Mais tarde Freud fala dessa resistência como uma repetição de experiências emocionais passadas, inconscientes, na figura do analista - “reimpressões”, sendo esses conteúdos emergentes de grande valia para a análise. A transferência é carregada de experiências inconscientes, há uma compulsão à repetição e a relação analítica permite que sejam recordadas, repetidas e elaboradas. “...espírito das profundezas que uma vez invocado não deveria ser mandado embora por um analista assustado.”²² Assim, o acting out das experiências passadas e os sentimentos (amor e ódio – instinto de vida e de morte) a elas ligadas fazem parte da psicoterapia analítica. O psicoterapeuta deve saber lidar e interpretá-

²¹ GOLDGRUB, Franklin. *Observações sobre o amor transferencial*. São Paulo, 12 maio 2009. Disponível em:<
<http://blog.franklingoldgrub.com/category/aulas/teorias-e-tecnicas-psicoterapicas-aulas/page/5/>>

²² Idem²⁰

las para poder auxiliar o paciente a resignificar e elaborar estas experiências dentro de um novo contexto psíquico.

Muitas vezes há uma transferência amorosa, um apaixonamento da(o) paciente com o(a) psicoterapeuta, que não deve ser considerada como verdade ou mentira. Os sentimentos são autênticos, na medida em que refletem uma maneira de se relacionar do paciente. O papel do psicoterapeuta seria de possibilitar que o paciente entre em contato com uma nova possibilidade de ser.

Melanie Klein traz contribuições ao conceito de transferência, ao considerá-la como uma defesa que envolve as relações objetais primárias (do bebê com os pais) de amor e ódio. Definiu a transferência como uma defesa inconsciente, sendo uma reedição de situações do passado no presente com um objetivo diferente do objeto com o qual originalmente a situação foi vivida. Esta visão tornou possível a análise de crianças e de esquizofrênicos, através da interpretação dos conteúdos transferenciais (positiva e negativa).

A transferência positiva é aquela que permite que o processo de psicoterapia se desenrole, mesmo que seja através da agressividade. Já a transferência negativa seria o que impossibilita o processo, há uma resistência e interrupção da associação livre. Do ponto de vista de Klein, ambas as transferências devem ser trabalhadas, pois em todo ódio se tem algo amoroso, devemos trabalhar com o paciente o polo que está menos presente naquele momento. Trabalhar na transferência e a transferência, ou seja, devemos trabalhar o que está sendo “dito” e quem nós representamos naquele momento (qual objeto estamos sendo). A psicoterapia tem como objetivo quebrar a transferência, ou seja, o que o paciente possa elaborar a situação “traumática”

e ver a quem verdadeiramente estavam ligados os sentimentos, pois a princípio é mais fácil para a criança amar ou odiar o analista do que os pais.

A transferência como pudemos ver exerce um papel muito importante em um atendimento psicoterápico orientado pela psicanálise, tanto na psicoterapia de adultos como a de crianças.

Devemos considerar que o cão possa ser uma ferramenta importante à medida que pode favorecer uma transferência positiva, possibilitando que se desenrole o processo, assim como facilitar um trabalho mais fácil da transferência negativa. O cão com seu amor incondicional e suas demonstrações de afeição (físicas), mesmo quando o paciente entra em uma transferência negativa, o cão pode oferecer um local acolhedor dentro do processo, é uma maneira de aliviar a ansiedade e ajudá-lo a manter uma ligação mais sólida com a realidade.

Ao interagir com o cão o paciente nos oferece pistas de como se organiza seu mundo interno, e a partir destas pistas podemos interpretar do observado e da associação livre.

4.2. Objetos transicionais

Ao falarmos do atendimento psicoterápico de crianças, não podemos deixar de mencionar o conceito de objetos transicionais de Donald Winnicott. Os fenômenos transicionais se dão na transição entre a realidade do mundo interno e externo do bebê. Após de ter vivido em uma etapa de dependência absoluta da mãe, o bebê começa a perceber a mãe como não mais parte de si,

esse é o espaço em que ambas as realidades encontram-se. O processo de integração do ego, possível devido a um cuidado materno suficientemente bom, permite ao bebê começar a separar o interior do exterior.

Neste processo de separação e “descoberta”, do que é seu e do que é o outro, surgem os objetos transicionais, como uma defesa contra a ansiedade. Ansiedade causada pelo temor à separação da figura materna, estando o apego ao objeto transicional como representante da negação da ameaça de separação.

Winnicott traçou características do relacionamento entre o bebê e seu objeto transicional:

“1) O bebê assume direitos sobre o objeto, e nós concordamos com isto.

Ainda assim, alguma ab-rogação de onipotência está presente desde o início.

2) O objeto é afetuosamente acariciado tanto quanto amado com excitação e mutilado.

3) Ele não deve mudar nunca, a não ser que a mudança seja provocada pelo bebê.

4) Ele deve sobreviver ao amor e também ao ódio instintivo e, caso esta seja uma característica, à agressividade em estado bruto.

5) Mas ele deve dar a impressão de proporcionar calor, ou de se mover, ou de ser dotado de textura, ou fazer algo mostrando que tem vitalidade ou realidade próprias.

6) Ele vem de fora, do nosso ponto de vista, mas não do ponto de vista do bebê. Ele também não vem de dentro: não é uma alucinação.

7) Seu destino é o de poder ser gradualmente descateixado, de modo que no decorrer dos anos ele se torne não tanto esquecido, mas relegado ao limbo.

Com isto quero dizer que, na saúde, o objeto transicional não ‘vai para dentro’, nem o sentimento a seu respeito sofre repressão necessariamente.

Ele não é esquecido e não há um luto por ele. Ele perde o sentido, e isto porque os fenômenos transicionais tornaram-se difusos, espalharam-se sobre todo o território intermediário entre a 'realidade psíquica interna' e o 'mundo externo conforme é percebido por duas pessoas que estão de acordo', isto é, sobre todo o campo da cultura (WINNICOTT, 2000, p. 320-321).²³

Esta caracterização de objeto transicional faz com que a afirmação do conceito não possa ser estendida literalmente para os cães, visto que este tem vontades próprias e, por tanto, não é o mesmo sempre. Contudo, acredito ainda que possa exercer algumas funções de um objeto transicional, ajudando na tarefa de separação do mundo interno do externo.

A disponibilidade e a interação, que o cão oferece, colocando-se como objeto a ser usado, pode funcionar como catalisador para a passagem gradual do viver segundo o princípio do prazer para o regido pelo princípio da realidade.

Talvez em alguns casos, mais do que um objeto inanimado, o cão possa auxiliar na tarefa de “superação” do pensamento de onipotência, já que possibilita a criança experienciar um maior número de choques na sua vivência de controle onipotente. A partir de alguns comportamentos, como se distrair com uma mosca que passa - saindo do campo de visão e interação da criança, o cão exerce alguma influência, para que a criança comece a viver segundo o princípio da realidade.

²³ DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P.284

“saindo do campo visual da criança. Logo, podemos concluir que seu pensamento onipotente, para ela, tenha se concretizado. Por outro lado, se o animal continuasse ao seu lado, seu pensamento onipotente não teria surtido o efeito desejado – o animal teria sobrevivido à destruição do sujeito, como coloca Winnicott, o que revestiria o objeto de características persecutórias. Portanto, numa situação dessas, como coloca Winnicott, a realidade para o bebê surge a partir da destruição do objeto, pois é assim que o mesmo é apartado do seu self (WINNICOTT, 1975, p. 127).”²⁴

Experienciando ao mesmo tempo o amor incondicional do cão e a frustração de sua ausência e retorno, a onipotência de pensamentos vai ruindo. O animal cada vez mais vai se tornando um objeto externo (não eu), ele passa a ser real e não mais a projeção da mãe má ou boa.

²⁴ WINNICOTT, Apud DELARISSA, Fernando Aparecido. Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP. P.220

5. Considerações Finais

Durante este trabalho pude constatar que a história dos cães está intimamente ligada à história do Homem. Este relacionamento, com o decorrer do tempo foi se tornando cada vez mais unido e estável, sendo que hoje em dia os cães são parte importante na vida de inúmeras famílias. O vínculo e sentimentos ligados a estes animais é algo que não se vê com outros animais, exceção feita aos gatos - ainda que muito menos numerosos nas famílias.

A presença de um cão costuma despertar os sentimentos de confiança e segurança que, hoje em dia, são cada vez mais difíceis de serem encontrados, principalmente entre amizades humanas. O homem vem atribuindo aos cães papéis importantes, de suprir e ajudar o humano, em tarefas como, resgates, salvamentos, guia de cegos e até mesmo pela simples companhia. Através do seu olhar isento de julgamento, o cão faz com que muitos possam se expressar mais livremente e seja criado o desejo de compartilhar as situações cotidianas.

No momento histórico em que vivemos, os cães são vistos como supridores da angustia gerada pela vida cotidiana. Por este motivo que o cão tem sido base de grandes estudos, sobre sua possível percepção dos sentimentos e desejos do humano, e por isto foi trazido para a realidade da psicoterápica.

Vimos neste trabalho que o cão pode ser de grande auxílio para a psicologia permitindo que o paciente possa se mostrar tal como é mais

facilmente dentro do processo terapêutico Vimos que de forma mais natural e simples, com a sua disponibilidade em receber afeto e buscando contato corporal, permite que o paciente adquira confiança em suas possibilidades de ser.

Apesar deste não ter sido o objetivo deste levantamento bibliográfico, os dados de que os cães estão cada vez mais estar presente na vida humana e por consequência sendo utilizados também para fins terapêuticos, nos leva a pensar também a respeito da motivação que impulsiona o ser humano a conviver com os cães e vir se apegando cada vez mais a eles. Este relacionamento “tão especial” muitas vezes tem substituído os relacionamentos humanos. Os cães vêm adquirindo novos papéis na sociedade contemporânea, sendo tratados por alguns como filhos e muitas vezes postergando o papel real de pais ou mesmo vem sendo preferida a sua presença a de um humano. Esta nova composição social, imposta pela sociedade capitalista, fazendo uso da falta humana e, portanto, os animais se tornam consumidores e bens de consumo. Tais discussões nos levam a questionar sobre até que ponto não estamos caminhando para uma sociedade muito mais individualista e anti-social.

Nas obras de referência deste estudo pouco encontrei sobre o cuidado para que o cão não se torne o ator principal nas terapias. O cão pode ser um instrumento da psicologia, que pode oferecer outra possibilidade de interação e de compreensão do indivíduo, para o psicoterapeuta compreender de outra

forma as relações que o paciente estabelece. Ele não é o ator principal, é uma ferramenta a ser usada e dispensada assim que se torne necessário.

Também sobre a saúde do cão pouco é dito, na bibliografia consultada, e é de grande importância que se tenha os devidos cuidados com a saúde física e mental (comportamental) do cão. Os cães devem estar saudáveis e estarem confortáveis em fazer parte da situação clínica, por este motivo não é qualquer cão que estaria apto a atuar como co-terapeuta. Os cães devem ser devidamente tratados, socializados e treinados para este fim.

Quero enfatizar que desenvolvi este estudo e fiz esta pesquisa para como psicóloga poder compreender melhor a natureza das relações que permeiam a ligação entre o homem e o cão bem como obter subsídios para no futuro ser uma psicoterapeuta que realize a Psicoterapia Assistida por Animais de modo consistente e sustentado pela teoria.

6. Referências Bibliográficas

BERZINS, Marília Anselmo. *Velhos, cães e gatos: Interpretação de uma relação*. São Paulo, 2000.162p. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Católica de São Paulo.

BOCCALANDRO, Efraim R, *A Nova e a Velha Mitologia*. São Paulo: Vetor, 2000.

BOWRON, Edgar. *Renaissance Art, Na artist's best friend – the dog in Renaissance painting*. Publicado em: The Bark, junho de 2006. Disponível em: < <http://www.thebark.com%2Fcontent%2Frenaissance-art&anno=2>>

CAETANO, Elaine. *AS CONTRIBUIÇÕES DA TAA – TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS À PSICOLOGIA*. Criciúma, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Coleção “Nossos Amigos, Os Cães”. *O cão na Antiguidade e o Cão na Idade Média*. Disponível em: <http://www.dogtimes.com.br/antiguidade.htm>

DELARISSA, Fernando Aparecido. *Animais de estimação e objetos transicionais: Uma aproximação psicanalítica sobre a interação criança-animal*. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UNESP.

DOMINGUES, Camila Mantovani. *Terapia Fonoaudiológica Assistida por cães: Estudos de Casos Clínicos*. São Paulo, 2007. 147p. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Católica de São Paulo.

Enciclopédia do Cão. Royal Canin. Volume 1.

FLÔRES, Lenise. *Os benefícios da interação Homem-Animal e o papel do médico veterinário*. Porto Alegre – RS, 2009. UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

GOLDGRUB, Franklin. *Observações sobre o amor transferencial*. São Paulo, 12 maio 2009. Disponível em: <<http://blog.franklingoldgrub.com/category/aulas/teorias-e-tecnicas-psicoterapicas-aulas/page/5/>>

Grandes entrevistas históricas – Sigmund Freud. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/SigmundFreud.htm>

LANTZMAN, Mauro. *O Cão e sua Família: Temas de Amor e Agressividade*. 2004. Doutorado em Psicologia – PUCSP.

MARTINS, Alessandra Affortunati. *Estudo comparativo do conceito de transferência em Freud e Winnicott*. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, Glaucielle. *O Convívio com Cães no Auxílio ao Desenvolvimento Afetivo Infantil*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso – Psicologia - Universidade Estácio de Sá. Acesso em: 4/03/2011. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1238>

RIBAS, Eliana Ribeiro de Souza. *A função psicanalítica do analista: uma reflexão sobre a posição do analista na relação terapêutica*. São Paulo, 2000.

TERAPIA FACILITADORA COM CÃO – TFC. Disponível em: <http://www.svcpa.org/tfc/02_historico.htm> Acesso em: Novembro de 2011.

VALLI, Cristiane Maretti Marangoni. *A transferência em um caso clínico*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Católica de São Paulo.

VACCARI, Andreia e ALMEIDA, Fabiane. *A importância da Visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas*. São Paulo, 2007. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein.

Vídeo - Documentário “A vida secreta dos cães”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=RjBmiflizcc>